

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
CURSO DE HISTÓRIA**

**WELLINE DE AGUIAR RIOS**

**AULA EXTRACLASSE: uma necessidade do ensino aprendizagem na disciplina  
de História**

São Luís- MA  
2016

**WELLINE DE AGUIAR RIOS**

**AULA EXTRACLASSE: uma necessidade do ensino aprendizagem na disciplina de História**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Júlia Constança Pereira Camêlo.

São Luís- MA  
2016

## WELLINE DE AGUIAR RIOS

### **AULA EXTRACLASSE: uma necessidade do ensino aprendizagem na disciplina de História**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em História.

Aprovada em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

#### BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Júlia Constança Pereira Camêlo  
(Orientadora)

---

(1º Examinador)

---

(2º Examinador)

## **AGRADECIMENTOS**

Estou feliz em expressar a minha gratidão, a todos aqueles que cooperaram para a minha história de vida. Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado forças e ter me ajudado a concluir mais uma etapa da minha vida.

A minha mãe Nazaré Aguiar por ter me proporcionado uma boa educação, por ter sido sempre o meu “ombro amigo” nas horas que eu mais precisei.

Aos meus irmãos William e Williane por sempre estarem ao meu lado, mesmo que as vezes distantes. Pela convivência que tivemos na infância em sempre desejar o melhor um para o outro.

A todos os meus familiares que se sentem felizes com as minhas conquistas e vitórias, especialmente a minha avó Mascimiana Aguiar e a minha tia Núbia Aguiar

Ao Marynaldo Costa por ter sido a minha base e ter contribuído muito ao longo da minha jornada acadêmica, muitas vezes foi o responsável por me dar carona até o curso de história. Valeu pela força.

A minha orientadora e professora Dr. Júlia Constança por ter me auxiliado na conclusão deste trabalho, pela paciência e por ser uma pessoa agradável na parceria da orientação.

Também agradeço a professora Dr. Adriana Zierer, pela paciência e compreensão. Agradeço-te também pelas aulas de História Medieval, elas foram sensacionais.

Estendo os meus agradecimentos a “Universidade Estadual do Maranhão” e aos professores do Curso de História pela responsabilidade e compromisso em prol da educação.

As minhas colegas de turma: Teresa, Eucilene, Milena, Layla e Tayane. Valeu meninas pela força!!!

Agradeço a todos aqueles que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização de mais um sonho. Muito obrigada.

Educar é crescer. E crescer é viver.  
Educação é, assim, vida no sentido mais  
autêntico da palavra.

Anísio Teixeira

## RESUMO

Esta pesquisa é centrada na aula extraclasse como meio transformador na disciplina de História, tendo por objetivos conhecer a opinião dos alunos quanto a aula extraclasse e descrever metodologias de ensino. A seguinte pesquisa trata-se de um estudo de caso, a partir das informações coletadas em campo, através de um questionário com perguntas objetivas com o propósito de conhecer a opinião dos alunos quanto o processo de ensino e aprendizagem. A pesquisa de campo foi realizada no Centro de Ensino Professor Ignácio Rangel localizada no município de São Luís – MA. A escola trabalha com o Ensino Fundamental e Médio. A atividade foi desenvolvida em maio de 2016. A partir daí explanou-se aspectos significativos levando em consideração a metodologia que pode ser utilizada a fim de dinamizar o ensino da disciplina. Na opinião dos estudantes o ensino da disciplina de História servirá para inseri-los no mercado de trabalho, onde a maior parte dos alunos gostaria que as aulas fossem ministradas através de áudios e vídeos, para que tivessem uma melhor compreensão da disciplina e temática abordada. Os alunos afirmam ainda que a escola onde estudam não lhes proporciona aula extraclasse. Sendo assim, conclui-se que uma metodologia diferenciada, como a aula extraclasse, é de fundamental importância no processo de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Aula prática. Ensino-aprendizagem. História.

## **ABSTRACT**

This research is focused on extracurricular class as a means transformer in the history of discipline, with the objective to know the opinion of the students and the extracurricular class and describe teaching methodologies. The following research it is a case study, based on information collected in the field, through a questionnaire with objective questions in order to know the opinion of the students and the teaching and learning. The field research was conducted in Teacher Education Center Ignacio Rangel located in São Luís - MA. The school works with elementary and high school. The activity was developed in May 2016. Since then expounded to significant aspects taking into account the methodology that can be used to boost the teaching of discipline. In the opinion of students teaching the history of discipline will serve to insert them into the labor market, where most of the students would like the classes were taught using audio and video, so you have a better understanding of the subject and theme addressed. Students also say school where they study does not provide them extracurricular class. Therefore, it is concluded that a different methodology, such as extracurricular class, is of fundamental importance in the teaching-learning process.

**Keywords:** Practical class. Teaching and learning. History.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01-	Fachada do Centro de Ensino Ignácio Rangel.....	28
Gráfico 01 -	Distribuição dos dados de acordo com o gostar dos alunos em estudar história.....	32
Gráfico 02 -	Distribuição dos dados de acordo com o que você espera que o ensino de história contribua na sua vida.....	33
Gráfico 03 -	Distribuição dos dados de acordo com o que dificulta o aprendizado da disciplina de história.....	34
Gráfico 04 -	Distribuição dos dados de acordo com a maneira que os alunos gostariam que as aulas fossem ministradas.....	35
Gráfico 05 -	Distribuição dos dados de acordo com a escola em que você estuda/estudou já lhe proporcionou alguma aula extra-classe...	37
Gráfico 06 -	Distribuição dos dados de acordo com você considera a saída da sala de aula como uma forma diferente/mais interessante de aprender.....	38
Gráfico 07 -	Distribuição dos dados de acordo com, você acredita que ao ter contato com materiais (músicas, pinturas, esculturas, fósseis, etc.) pode haver uma maior compreensão da História humana.....	39
Gráfico 08 -	Distribuição dos dados de acordo com você acha que estudar a disciplina de História em um ambiente externo à torna mais compreensiva.....	40
Gráfico 09 -	Distribuição dos dados de acordo com você considera a disciplina História de difícil compreensão.....	41



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>A EDUCAÇÃO E ENSINO APRENDIZAGEM DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1</b>	<b>Breve evolução da história como disciplina.....</b>	<b>12</b>
<b>2.2</b>	<b>O ensino da História no Brasil.....</b>	<b>13</b>
<b>2.3</b>	<b>Ensino aprendizagem na Educação Fundamental.....</b>	<b>15</b>
<b>2.4</b>	<b>Métodos da disciplina de História no Ensino Fundamental.....</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>AULA PRÁTICA.....</b>	<b>20</b>
<b>3.1</b>	<b>Diferentes métodos de ensino.....</b>	<b>20</b>
<b>3.2</b>	<b>Aula Expositiva.....</b>	<b>21</b>
<i>3.2.1</i>	<i>Experiência na sala de aula.....</i>	<i>22</i>
<b>3.2</b>	<b>Recursos tecnológicos nas aulas de história.....</b>	<b>23</b>
<i>3.2.1</i>	<i>TV e DVD.....</i>	<i>25</i>
<i>3.2.2</i>	<i>Computador.....</i>	<i>25</i>
<i>3.2.3</i>	<i>Pendrive.....</i>	<i>26</i>
<b>4</b>	<b>CENTRO DE ENSINO IGNACIO RANGEL.....</b>	<b>28</b>
<b>5</b>	<b>ASPECTOS METODOLOGICOS.....</b>	<b>30</b>
<b>6</b>	<b>O ENSINO APRENDIZAGEM DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA NO ÂMBITO DA ESCOLA.....</b>	<b>32</b>
<b>6.1</b>	<b>Resultados da entrevista com os alunos.....</b>	<b>32</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>
	<b>APÊNDICES</b>	<b>48</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A educação é um processo de aprendizagem contínuo e permanente, necessário ao indivíduo, favorece as relações sociais e também é o meio pelo qual a sociedade se renova, constituindo-se ainda num processo de transmissão cultural. O professor tem um papel fundamental na educação e no desenvolvimento das pessoas e da sociedade.

O ensino de História é um elemento fundamental para o desenvolvimento de uma consciência histórica envolvendo o indivíduo na sociedade em que o mesmo vive. A construção do saber histórico, dentro ou fora da sala de aula nos faz refletir sobre a importância da História na vida prática do estudante e até que ponto o ensino desta disciplina está contribuindo na formação da cidadania do mesmo.

O presente trabalho tem por objetivo geral conhecer a importância de uma aula prática de História. Tem por objetivos específicos, investigar as razões do desinteresse dos alunos pelo ensino de História, conhecer a opinião dos alunos quanto à aula extraclasse e descrever metodologias de ensino de História.

Diversas são as dificuldades enfrentadas por professores e alunos em sala de aula no ensino da disciplina e por isso faz-se necessário aprofundar o conhecimento das questões relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem.

Por motivos diversos as formas de ensino, muitas vezes, precariamente trabalhadas em sala de aula acabam influenciando na formação dos alunos do ensino básico, tornam-se defasadas e longe daquilo que se pretende ao ensinar História.

Os professores, de um lado reclamam de alunos passivos para o conhecimento, sem curiosidade, falta de interesse, desatentos, que desafiam sua autoridade, chegando a ser irreverentes. Denunciam, também, o excesso e a complexidade dos conteúdos a ministrar nas aulas de História, os quais são abstratos e distantes do universo de significação das crianças e dos adolescentes.

Os alunos, de outro lado, reivindicam um ensino mais significativo, articulado com sua experiência cotidiana, um professor “legal”, “amigo”, menos

autoritário, que lhes exija menos esforço de memorização e que faça da aula um momento agradável.

Os questionamentos que pauta nossas reflexões é: como se dá o processo de aprendizagem na disciplina de História no ensino fundamental? Quais as metodologias utilizadas pelos professores? Qual a visão do aluno sobre o processo de aprendizagem? Tendo em vista o déficit que se encontra o atual momento da educação básica brasileira e como a História vem sendo trabalhada, nos faz querer reavaliar certas concepções práticas do ensino tradicional, que não vêm contribuindo significativamente no seu papel social, e por isso, propor alternativas que possam potencializar o ensino e o aprendizado. Partindo desse pressuposto, justificasse o interesse por esse assunto.

Esta pesquisa trata-se de um estudo de caso, a partir das informações coletadas em campo, através de um questionário contendo perguntas objetivas com o propósito de conhecer a opinião dos alunos sobre o processo de ensino e aprendizagem da disciplina de História.

A pesquisa de campo foi realizada no Centro de Ensino Ignácio Rangel, localizado no município de São Luís-MA. O Colégio trabalha com o Ensino Fundamental e Médio. A turma escolhida para realizar a proposta desta pesquisa de monografia foram as turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. A atividade foi desenvolvida em maio de 2016.

## **2 A EDUCAÇÃO E ENSINO APRENDIZAGEM DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA**

### **2.1 Breve evolução da história como disciplina**

No século V a. C, nasce na Cária, atual Turquia, Heródoto de Haliscarnasso, considerado o “pai da História” (BENEDICTIS, 2005).

Trata-se de um homem que dá início ao desenvolvimento da disciplina ao retratar importantes conflitos, como as Guerras Médicas, sob enfoque filosófico e antropológico. Deve-se destacar que, à sua época, era notável o aspecto mitológico permeando não apenas os fenômenos naturais, mas, sobretudo, as relações sociais na Antiguidade, logo, iniciar uma disciplina de enfoque essencialmente antropológico, como a História, exigia um distanciamento gradativo de certos aspectos religiosos. Tratava-se de notar o homem como si, e neste trajeto a historiografia nascente contou não apenas com Heródoto, mas também com Xenofontes, Filisto, Timeu, Teopompo, entre diversos outros nomes (MARUTTI, 2008).

Como disciplina sistemática, a História acompanhou os trilhos da Humanidade. Evoluiu de maneira lenta e passou por percursos de retrocesso. Com a Idade Média, a História se viu curva perante o poderio da Igreja Católica e assistiu, então, ao retorno da associação dos aspectos divinos aos acontecimentos sociais, pois o teocentrismo obscureceu o olhar sobre o homem como construtor de seu próprio caminho e de sua civilização. A chegada do século XIII d.C, com o movimento Renascentista e seu desmembramento Humanista, fez ressurgir na historiografia o interesse pelo indivíduo, não obstante ainda persistirem grandes autores com um olhar teocêntrico sobre a História, como o bispo francês Jacques-Benigné Bossuet, doutor em Teologia e autor de "A Política tirada da Sagrada Escritura", obra na qual defende a origem divina do poder dos reis (MARUTTI, 2008).

O período que antecedeu e acompanhou grandes movimentos políticos foi marcado pela mudança de prisma intelectual. Cinco séculos após o Renascimento, o Iluminismo fez surgir importantes nomes que influenciaram toda

uma sociedade e múltiplas disciplinas no século XVIII d.C., entre elas a História e as Ciências Jurídicas, como Montesquieu, Voltaire, François Fénelon e Edward Gibbon. As grandes marcas revolucionárias desse século, Revolução Francesa (1789) e Revolução Americana (1776), valeram-se de ideias de tais pensadores, que primaram pelo uso da razão e se rebelaram contra os abusos da Igreja e do Estado.

No século XIX, o francês Auguste Comte lança as bases do Positivismo, (MARUTTI, 2008), corrente segundo a qual se deve primar pela objetividade de métodos na disciplina histórica, que deve ter como fontes documentos legitimados pelo Estado, assim como, contar com a imparcialidade diante de seu objeto de estudo.

Atualmente, a Historiografia, ciência da História, conta com obras de grandes nomes. Eric Hobsbawm, britânico autor de “A Era das Revoluções”, Marc Bloch, francês notório por ser um dos fundadores da Escola dos Annales, Edward Thompson, autor de “A Formação da Classe Operária Inglesa”, bem como os brasileiros, Gilberto Freyre, autor de “Casa Grande e Senzala”, Caio Prado Junior, autor de “Formação do Brasil Contemporâneo” e Sérgio Buarque de Holanda, autor de “Raízes do Brasil” (FONSECA, 1998).

## **2.2 O ensino da História no Brasil**

A História por muitos é vista como uma ciência decorativa, que nada traz além de fatos históricos, muitas datas e vários heróis. Mas, ainda assim é tida como ciência, já que apresenta-se como metódica e sistemática.

O ensino da disciplina durante muito tempo teve um caráter determinado pelo tradicionalismo que levava o aluno a limitar o seu conhecimento aos grandes acontecimentos das histórias políticas e aos feitos heróicos.

Conforme Pinsky (2009, p. 30), a História se apresenta, como uma das disciplinas fundamentais no processo de formação de uma identidade comum – o cidadão nacional – destinado a continuar a obra de organização na nação brasileira.

“A História resulta da necessidade de reconstruirmos o passado, relatando os acontecimentos que decorreram da ação transformadora dos indivíduos

no tempo, por meio da seleção (e da construção) dos fatos considerados relevantes e que serão interpretados a partir de métodos diversos” (ARANHA, 2006, p.20).

A referida disciplina surgiu no século XIX na França, e tinha por finalidade criar a genealogia da Nação e o Estado da mudança. O papel principal da História seria construir o passado tal como fora revelando heróis e fatos marcantes.

O ensino de História tem como um de seus principais objetivos o desenvolvimento da consciência histórica por parte do aluno e com isso ele possa desenvolver uma análise crítica sobre sua interpretação do mundo humano e social, capacitando-o a se situar mais adequadamente ao seu tempo (FONSECA, 1998).

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, um dos objetivos mais relevantes quanto ao ensino de História relaciona-se à questão da identidade. É de grande importância que os estudos de História estejam constantemente pautados na construção da noção de identidade, através do estabelecimento de relações entre identidades individuais, sociais (BRASIL, 1997).

O ensino de História deve permitir que os alunos se compreendam a partir de suas próprias representações, da época em que vivem, inseridos num grupo, e, ao mesmo tempo resgatem a diversidade e pratiquem uma análise crítica de uma memória que é transmitida.

Não se pode pensar ensino de História sem pensar no contato que os alunos precisam ter com a documentação disponível, a fim de mostrar aos alunos que o estudo da História é dinâmico e complexo.

Conforme Fernández (2006), o ensino de História pode se processar em diferentes contextos educacionais e espaciais. Para cada contexto, diferentes definições e caracterizações são consideradas. Dentre estes contextos, trata-se do ensino de História em espaços não formais ou ambientes extraescolares, inseridos na educação formal ou educação escolarizada.

Cuevas (2001), por sua vez, destaca algumas dificuldades as quais estão relacionadas ao contexto, ligadas a fatores como visão social da História, sua função política e a formação dos docentes. E acrescenta o fato do estudo da História supor o uso do pensamento abstrato formal em alto nível, devendo o aluno construir seu

próprio conhecimento a partir de vestígios do passado que dão uma informação aproximada e, em certas ocasiões, de difícil elucidação.

E que neles são perceptíveis “[...] procedimentos na perspectiva de utilização de recursos de forma solta e isolada e, em geral, sem distinção tanto em relação ao nível de ensino, ao tipo de plano, como aos objetivos e conteúdos propostos” (ROCHA, 2007, p. 640).

### **2.3 Ensino Aprendizagem na Educação Fundamental**

O ensino fundamental é constitucionalmente obrigatório, destina-se à formação da criança e do pré-adolescente de 7 a 14 anos de idade, e tem como objetivos:

a) o domínio progressivo da leitura, da escrita e do cálculo, enquanto instrumentos para a compreensão e solução dos problemas humanos e o acesso sistemático aos conhecimentos;

b) a compreensão das leis que regem a natureza e as relações sociais na sociedade contemporânea;

c) o desenvolvimento da capacidade de reflexão e criação, em busca de uma participação consciente no meio social.

O currículo pleno do ensino fundamental compreende um núcleo comum e uma parte diversificada. O núcleo comum, obrigatório a nível nacional, abrange as seguintes áreas: a) Comunicação e expressão (Língua Portuguesa); b) Estudos sociais (Geografia, História, e Organização Social e Política do Brasil), com ênfase ao conhecimento do Brasil na perspectiva atual do seu desenvolvimento; e c) Ciências (Matemática, Ciências físicas e biológicas) (MARUTTI, 2008).

Os objetivos do ensino de História para os anos finais do ensino fundamental (6<sup>a</sup> ao 9<sup>a</sup> ano), expressos no documento da área de História dos Parâmetros Curriculares Nacionais, propõem o desenvolvimento de capacidades e habilidades cognitivas, tais como: estabelecer relações históricas entre o passado e o tempo presente; situar os conhecimentos históricos em múltiplas temporalidades; reconhecer semelhanças, diferenças, mudanças e permanências, conflitos e

contradições sociais em/entre diversos contextos históricos; dominar procedimentos de pesquisa, lidando com fontes textuais, iconográficas, sonoras e materiais; valorizar o patrimônio sociocultural e o direito à cidadania, respeitando a diversidade social, étnica e cultural dos povos, dentre outros (BRASIL, 1998).

É fundamental que a escola e o professor estejam atentos ao modo como se processa a conceptualização nesta idade de transição entre a fase operatório-concreta e o pensamento formal (11 – 13 anos), em que se encontram os alunos das séries finais do ensino fundamental.

O professor é considerado como o agente do conhecimento, o transmissor do “conhecimento histórico”; e os alunos são os receptáculos do saber, onde todo esse conhecimento entra de forma natural e lá permanece. Torna-se relevante no sentido de possibilitar a transformação de um saber histórico em um saber compreensível e atuante para a compreensão do aluno.

Neste sentido, Knass (2001, p. 29-30), em pesquisa aponta:

(...) o processo de aprendizagem confunde-se com a iniciação à investigação, deslocando a problemática da integração ensino pesquisa para todos os níveis de conhecimento, mesmo o mais elementar. A pesquisa é assim entendida como o caminho privilegiado para a construção de autênticos sujeitos do conhecimento que se propõem a construir sua leitura de mundo.

Os professores precisam compreender o conteúdo específico da disciplina que irão ensinar, o que implica, no caso da História, reconhecer como os conhecimentos se estruturam e se relacionam do ponto de vista teórico, historiográfico e metodológico (PIMENTA, 2004).

É papel do professor de História do Ensino Fundamental munir os alunos de instrumentos para libertação. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros (FREIRE, 1996, p. 59).

#### **2.4 Métodos da disciplina de História no Ensino Fundamental**

No ambiente educacional ingressam alunos de diferentes origens, culturas, níveis de desenvolvimento intelectual e idades. Essas diferenças



representam as experiências de vida e conhecimentos adquiridos num meio sociocultural distinto para cada aluno. A construção do conhecimento ocorre através da interação do sujeito com a sociedade/grupo em que está inserido. Nesta, cada sujeito participa de uma vivência específica, produzindo com isso, um acúmulo de conhecimentos/saberes também específicos.

As individualidades representam as diferenças culturais que existem em uma determinada sociedade. Não valorizar essas diferenças que cada aluno traz consigo, num processo de ensino e aprendizagem seria, no nosso entendimento, um modo de encaminhar os sujeitos para a exclusão.

Conforme Sant'Ana (1995), é fundamental ver o aluno como um ser social e político sujeito do seu próprio desenvolvimento. O professor não precisa mudar suas técnicas, seus métodos de trabalho, precisam isto sim, ver o aluno como alguém capaz de estabelecer uma relação cognitiva e afetiva com o meio circundante, mantendo uma ação interativa capaz de uma transformação libertadora.

Conforme Fonseca (2006), a escola é como um espaço pedagógico de formação de atitudes diante do conhecimento formal, pela ação que a mesma exerce no processo de aprendizagem por meio do coletivo.

A escola sendo um lugar de produção e socialização dos saberes, não apenas prepara o indivíduo para a escolaridade, mas também para o campo de trabalho, para a vida social, a estar conhecendo e recriando a cultura e respeitando às outras existentes.

Portanto, a escola deve dar possibilidades para a construção do conhecimento do aluno e o professor para ensinar, precisa organizar atividades didáticas que ajudem os alunos a compreenderem áreas específicas do conhecimento. E, com o avanço das tecnologias de informação e comunicação na sociedade, no ambiente escolar muito se discute sobre as diferentes formas de utilização no processo de ensino e aprendizagem (HORN; GERMINARI, 2006).

Ao professor cabe construir suas propostas pedagógicas com base nessa concepção de escola, objetivando o desenvolvimento da aprendizagem dos educandos, pois exerce um papel importante na construção e formação do caráter

do aluno introduzindo-o na leitura das diversas formas de informação, com a visão histórica dos fatos e dos agentes.

Nesta perspectiva, o professor tem um papel fundamental na construção do saber histórico já que “a História tem como papel central a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e praxes individual e coletiva” (FONSECA, 2005, p, 89).

Existem diversas formas de ensinar, dentre elas metodologias participativas, dialogadas, de trabalho em grupo, em favor de um melhor aproveitamento do tempo escolar. Dentre elas estão a leitura e a explicação do professor sobre o capítulo do livro didático, seguindo-se a realização de exercícios pelos alunos, individualmente, para que a classe se mantenha mais silenciosa e, assim, mais produtiva (CARMO, 2002).

Faz-se necessário que novos métodos sejam criados para estimular os alunos no ensino de História, visando favorecer sua formação para que este assuma formas de participação social, política e de atitudes críticas diante da realidade que o cerca, aprendendo a discernir limites e possibilidades em sua atuação e transformação da realidade histórica na qual está inserido (LIBÂNEO; OLIVEIRA, 2009).

Um método que deve ser considerado pelo professor é o método interdisciplinar, que para Fazenda (1999, p. 31):

[...] o professor interdisciplinar traz em si um gosto especial por conhecer e pesquisar possuiu um grau de comprometimento diferenciado para com seus alunos, ousa novas técnicas e procedimentos de ensino, porém, antes, analisa-os e dosa-os convenientemente. Esse professor é alguém que está sempre envolvido com seu trabalho, em cada um de seus atos. Competência, envolvimento, compromisso marcam o itinerário desse profissional que luta por uma educação melhor. Entretanto, defronta-se com sérios obstáculos de ordem institucional no seu cotidiano. Apesar do seu empenho pessoal e do sucesso junto aos alunos, trabalha muito, e seu trabalho acaba por incomodar os que têm a acomodação por propósito.

Portanto, ensinar História é fazer com que os alunos construam o próprio ponto de vista. Os acontecimentos históricos não podem ser estudados isoladamente, pois o processo histórico é dinâmico e não estático. É necessário

ensinar aos estudantes a ação do pensar/refletir historicamente, tanto as diversas sociedades, quanto a sua própria existência (OLIVEIRA, 2006).

No ensino de História cabe ao professor problematizar um tema ou assunto proposto pelo professor, o aluno precisa conhecer, buscar e saber o que é o objeto a ser estudado, identificar, relacionar os objetos que foram apresentados, fazer sua análise e assim obter uma aprendizagem significativa.

### **3 AULA PRÁTICA**

#### **3.1 Diferentes métodos de ensino**

Freire (1999, p. 52), afirma que “saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” Nesse sentido, esse processo de construção do conhecimento é desafiador para o aluno à medida que os conteúdos não são apresentados em sua forma acabada, mas, na forma de problemas, cujas relações devem ser descobertas e construídas por eles em decorrência de experiências educativas.

A aula de história possibilita a construção do saber histórico através da relação interativa entre educador e educando, transformando essa prática em ato político, no sentido de transformação consciente do fazer histórico (BITTENCOURT, 2008).

Segundo Maia, Mendonça e Góes (2005), o professor deve escolher a melhor estratégia ou procedimento didático que leve o aluno a buscar soluções para os problemas propostos enfatizando a manipulação de materiais e ideias. Diante dessa estratégia, torna-se evidente a importância dos métodos de ensino, entre eles, a aula expositiva, as excursões e visitas; as dissertações ou resumo; os seminários; o estudo de caso; a resolução de exercícios; o estudo dirigido; as simulações.

Hoje em dia, são muitos os espaços sociais de educação, tanto dentro como fora da escola. Segundo Candau (2000), existem diversos locais em que ocorrem a produção da informação e do conhecimento, a criação e o reconhecimento de identidades e de práticas culturais e sociais. Esses locais representam outros espaços-tempos de produção de conhecimento necessários para a formação de cidadanias ativas na sociedade.

Aulas extraclasse motivam os alunos, deixam as aulas mais prazerosas e despertam o interesse auxiliando o processo de aprendizagem. Como exemplos: temos: uso de jogos educativos, músicas, exibição de filmes e documentários, aulas ao ar livre, visitas a museus, teatros e bibliotecas etc.

### 3.2 Aula expositiva

Na literatura didática, a aula expositiva é considerada a mais tradicional das técnicas de ensino e também tem sido apontada como a atividade mais empregada pelos educadores e a preferida pelos estudantes em qualquer grau de ensino.

Na escola tradicional era considerada como técnica de ensino padrão, onde o docente deveria dominar os conteúdos fundamentais a serem transmitidos aos alunos, sendo o melhor método de transmissão de conhecimentos na sala de aula. Já na "escola nova" a aula expositiva deixa de ser predominante na sala de aula. Dá-se ênfase à atividade do aluno e o surgimento de novas técnicas de ensino.

A aula expositiva, também citada como um dos métodos de ensino é uma das mais adotadas pelos professores. Há de salientar que esse método de ensino utilizado pelos filósofos da Antiguidade, pelos professores da Idade Média e do Renascimento, continua ainda muito presente na vida escolar dos alunos, apesar de todas as inovações tecnológicas dispostas no mundo contemporâneo. Segundo Gil (1990, p.65) “consiste numa preleção verbal utilizada pelos professores com o objetivo de transmitir informações a seus alunos”.

Ela apresenta segundo alguns autores, algumas vantagens e desvantagens. Tem como vantagens – a economia de tempo, principalmente para assuntos curtos; supre a falta de bibliografia para o aluno quando este não foi amplamente divulgado ou na dificuldade de acesso; a técnica ajuda na compreensão de assuntos considerados complexos, desde que o professor traduza para linguagem mais simples. E quando suscita perguntas, a aula estimula o pensamento criador do aluno. Tem como maior desvantagem a comunicação verbal, onde o professor tende a falar por mais tempo, restringindo a participação do aluno, o que os deixa acomodados” (FELIX, 1998).

É importante destacar que superadas as críticas e otimizadas as vantagens, ela se torna importante para obtenção do conhecimento (TEIXEIRA 2005).

### 3.2.1 *Experiência na sala de aula*

A aula extraclasse é um importante meio de obtenção do conhecimento, pois os alunos se sentem motivados para desenvolverem o aprendizado.

É preciso inovar antigos métodos de ensino-aprendizagem e criar caminhos diferentes nos processos de formação para os estudantes. Sabe-se que os alunos hoje não aprendem da mesma forma que antigamente. Diante disso torna-se cada vez mais necessário aplicar novos métodos que ultrapassem o modelo de ensino tradicional, na direção de práticas escolares que valorizem os saberes cotidianos dos alunos (BRASIL, 1997).

Como método de ensino diferenciado, realizamos um “Baile Medieval”, onde os alunos escolhem um personagem que vão viver. É um momento de descontração onde os alunos escutam músicas medievais e se confraternizam. Trabalhamos esse tema com a turma do 7º ano e também o jogo de xadrez onde há o momento de explicação de cada peça do tabuleiro. Dessa forma os alunos aprendem jogando.

Consideramos, assim, essas atividades mais significativas no aprendizado de História medieval à simples memorização das funções das classes sociais da Idade Média. Tais atividades permitiram aos alunos relacionar o passado e o presente, que consideramos importante no ensino de História.

Outra aula extraclasse que foi desenvolvido juntamente com o professor de Educação Física foi a recriação dos Jogos Olímpicos Gregos, onde os alunos aprenderam na prática como se dava o momento das competições gregas.

As relíquias do passado são importantes meios de aprendizado compartilhado entre professor e o aluno, valorizando a importância que o passado é para a sociedade.

Ensinar o aluno a pesquisar, a confrontar diferentes versões históricas e valorizar o seu saber, a sua vivência e suas interpretações, seja por meio de diferentes projetos da escola ou no dia-a-dia da sala de aula, é trabalhar o processo de ensino-aprendizagem, no sentido de estar claro que o ato de ensinar é o ato de aprender (MORAN, 2000).

. Compreende-se que somente o uso de novas metodologias não garante uma boa aula ou uma aula participativa. É necessário que os alunos estejam motivados e abertos para vivenciar esta experiência, “despertando para a possibilidade de uma nova construção de fazer História, tornando o ensino-aprendizagem mais atraente e criativo” (CARMO, 2002).

### **3.3 Recursos tecnológicos nas aulas de História**

Na sociedade atual, percebemos a necessidade de um profissional atualizado e motivado para realizar uma nova prática educativa no ensino de História, que esteja apto a compreendê-la no seu fazer cotidiano, em que os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas.

De acordo com o PCN não se aprende História somente no espaço escolar. As crianças e jovens têm acesso a inúmeras informações, imagens explicações no convívio social e familiar, nos festejos de caráter local, regional, nacional e mundial. São atentas as transformações e aos ciclos da natureza, e envolvem-se com os ritmos acelerados da vida urbana, da televisão e dos vídeosclipes, são seduzidos pelos apelos de consumo da sociedade contemporânea e preenchem a imaginação com ícones recriados a partir de fontes e épocas diversas (KARNAL, 2003).

Complementa Moran (2000), que alguns recursos tecnológicos favorecem o desenvolvimento e aprendizagem por conter uma série de capacidades que permitem o contato com linguagens variadas. A televisão e o DVD, juntamente com o computador são recursos tecnológicos de comunicação e informação mais utilizados no desenvolvimento de atividades nas aulas de história.

O computador juntamente com a Internet são outros dois instrumentos que potencializam pesquisas, produções textuais e a divulgação. A leitura e a escrita ganham novas características à medida que os recursos tecnológicos do computador favorecem o entrelaçamento entre produtor e leitor (NIKITIUK, 1999).

Através da internet, novos caminhos se abrem para o trabalho do professor. O uso do correio eletrônico nas atividades de sala de aula pode ser um exemplo desses novos caminhos. O professor pede aos alunos que realizem uma determinada atividade e a envie pela internet para as devidas observações e correções (GIANOLLA, 2006).

O objetivo é fazer que os alunos ao realizarem a tarefa, além de responderem a atividade, tenham habilidades no envio e recebimento de mensagens eletrônicas e o professor ao enviar a resposta, realize o “feedback” que muitas vezes não acontece na sala de aula (BEZERRA, 2002).

O professor de História antes de adotar novas tecnologias no seu trabalho educacional, precisa primeiramente, definir o que ensinar, por que ensinar e como ensinar a História. E com uma sólida fundamentação teórica para que suas práticas não se tornem meras repetições de conteúdos pouco atraentes (BORGES, 2003).

Moran discute que, “ensinar com as novas mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial”. (MORAN, 2000, p. 63)

DEMO (2008), sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação, aponta: “Toda proposta que investe na introdução das TICs na escola só pode dar certo passando pelas mãos dos professores. O que transforma tecnologia em aprendizagem, não é a máquina, o programa eletrônico, o software, mas o professor, em especial em sua condição socrática.”

As tecnologias estão, cada dia, mais presentes em todos os ambientes. Na escola, professores e alunos já estão utilizando a TV, o vídeo, o DVD, o rádio, os computadores e a Internet na prática pedagógica, tornando o processo ensino-aprendizagem mais significativo. As mídias têm grande poder pedagógico visto que se utilizam da imagem. Assim, torna-se cada vez mais necessário que a escola se aproprie dos recursos tecnológicos, dinamizando o processo de aprendizagem.

Para SANCHO,

Devemos considerar como ideal um ensino usando diversos meios, um ensino no qual todos os meios deveriam ter oportunidade, desde os mais modestos até os mais elaborados: desde o quadro, os mapas e as



transparências de retroprojeto até as antenas de satélite de televisão. Ali deveriam ter oportunidade também todas as linguagens: desde a palavra falada e escrita até as imagens e sons, passando pelas linguagens matemáticas, gestuais e simbólicas (SANCHO, 2001, p. 136).

A tecnologia educacional está presente nas escolas para melhoria do processo ensino aprendizagem.

### 3.3.1 TV e DVD

A chegada dos meios de comunicação como a TV, o vídeo e o DVD na escola proporcionou ao educador e educando, além de fontes de informação, a possibilidade de incorporar e produzir novas ações e descobertas na construção do conhecimento na escola. Essas mídias integradas em sala de aula passam a exercer um papel importante no trabalho dos educadores, se tornando um novo desafio, que podem ou não produzir os resultados esperados.

Segundo MORAN (2000, p.33), “A criança também é educada pela mídia, principalmente pela televisão”. A televisão e o vídeo/DVD são recursos tecnológicos bastante usados na Educação à Distância.

Moran (2000, p.39-40) apresenta algumas propostas de utilização da televisão e do vídeo na educação escolar: “começar por vídeos mais simples; vídeo como sensibilização; vídeo como ilustração; vídeo como simulação; vídeo como conteúdo de ensino; vídeo como produção; vídeo integrando o processo de avaliação; televisão/ “Vídeo-espelho”.

### 3.3.2 Computador

Um número cada vez maior de setores da sociedade se beneficia do uso do computador como recurso tecnológico.

De acordo com MORAN,

“Cada vez mais poderoso em recursos, velocidade, programas e comunicação, o computador nos permite pesquisar, simular situações, testar conhecimentos específicos, descobrir novos conceitos, lugares, idéias. Produzir novos textos, avaliações, experiências. As possibilidades vão desde seguir algo pronto (tutorial), apoiar-se em algo semidesenhado para

complementá-lo até criar algo diferente, sozinho ou com outros (MORAN, 2000, p.44)”.

Enfatizando a inserção dos computadores na escola, TAJRA (1998, p.34), diz que, a inserção dos computadores na escola, deve dar conta de um duplo desafio social: preparação dos futuros cidadãos e pedagógico – melhor atendimento às necessidades de aprendizagem dos sujeitos.

### 3.3.3 *Pendrive*

O *pen drive* é um dispositivo portátil. Por meio desse dispositivo se transfere dados e informações que podem ser visualizados na tela da TV e de microcomputadores.

O uso da Internet, seja na sala de aula ou como ferramenta de apoio ao aluno, pode proporcionar o melhoramento do ensino e da aprendizagem. A Internet oportuniza desenvolver a própria aprendizagem baseado na construção do conhecimento, compartilhando suas descobertas. As informações adquiridas através da Internet podem ser transformadas em conhecimento, para isso é necessário que o professor conduza seus alunos a construir esses conhecimentos.

A sala de aula tem deixado de ser o único espaço de busca e acesso ao conhecimento com a crescente utilização da internet.

Porém, isto não parece claro no ambiente escolar quando muitos professores são impossibilitados de inovarem na sala de aula, alguns são impedidos por falta de uma estrutura física que é visível principalmente nas entidades públicas de ensino. Mas não só isso há também a falta de material didático, a superlotação nas salas, o que favorece uma possível descontração e desconcentração dos alunos, a repressão por parte de alguns diretores e coordenadores pedagógicos que vêem essa alternativa como uma tentativa de enrolar, de não dar aula, visto que para eles o professor tem que dar conta de todo o conteúdo da disciplina, estes empecilhos ainda que de forma inaceitáveis são encontrados no ambiente escolar brasileiro (ARANHA, 2006).

Com a gritante revolução dos meios tecnológicos, o professor de história está sentindo a necessidade de mudanças urgentes. Existem causas externas e internas que estimulam a mudança na função do professor (GADOTTI, 1999).

#### 4 CENTRO DE ENSINO POFESSOR IGNÁCIO RANGEL

O Centro de Ensino Ignácio Rangel, fica localizado na Avenida Arterial externa, sem número, Cidade Operária São Luís – MA. Que tem como gestores, respectivamente, Rosário Meireles e Célia Tavares.

Figura 01. Fachada do Centro de Ensino Ignácio Rangel



Fonte: autor, 2016.

No início, a instituição tinha como finalidade, receber mulheres de “rua grávidas”. Em virtude do objetivo inicial, o Centro de Ensino Ignácio Rangel ficou conhecido como “Colégio Lua Cheia”.

O quadro de funcionários é formado por: Professores efetivos e contratados, Diretora, vice-Diretora, Secretária, Vigia e Auxiliar de serviços gerais, totalizando 31 funcionários.

O Centro de Ensino Ignácio Rangel, possui uma biblioteca, uma sala de vídeo com data show, tv e caixa de som.

As atividades de Educação Física e outras atividades, bem como eventos festivos e culturais são realizadas na quadra poliesportiva do Colégio.

Um dos maiores destaques do Colégio é a Fanfara Estadual Ignácio Rangel, que é considerada uma das melhores a nível escolar. No ano de 2015, alcançou o primeiro lugar na competição estadual de escolas.

As atividades extraclasse podem ser resumidas em visitas a museus, teatros e ao circo da cidade, sendo o Governo responsável pelo deslocamento dos alunos.

No âmbito educacional as aulas do ensino fundamental são realizadas no turno matutino e, no vespertino o ensino médio. São cinco salas de aula destinadas para o nível fundamental. A escola possui um total de 165 alunos regularmente matriculados.

## 5 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Trata-se de um estudo de caso com dados quantitativos, tendo como objetivo apreender percepções, significados, opiniões acerca do ensino de História.

Segundo Araújo et al. (2008), o estudo de caso trata-se de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores.

As pesquisas quantitativas são mais adequadas para apurar opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados, pois utilizam instrumentos padronizados (questionários). São utilizados quando se sabe exatamente o que deve ser perguntado para atingir os objetivos da pesquisa. Permitem que se realizem projeções para a população representada (MAYRING, 2002, p. 13).

Em seguida foram feitos estudos de literatura (artigos, livros, textos, entre outros), referente ao tema, para dar fundamentação a pesquisa e esclarecimento do assunto.

Os dados da pesquisa foram coletados na instituição de ensino público localizada na cidade São Luís, Maranhão. A população foi composta pelos alunos do 6º ao 9º ano matutino é formada por 165 alunos. A coleta de dados aconteceu durante o mês de maio de 2016.

No primeiro momento foi realizada a visita para reconhecimento do local da pesquisa. Em um segundo momento explicamos os objetivos da pesquisa, posteriormente foi aplicado um termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE A) aos alunos. Em um terceiro momento foi realizada a entrevista com os alunos (APÊNDICE B).

Segundo Gil (1990), o questionário constitui uma das mais importantes técnicas disponíveis para a obtenção de dados em pesquisas. Uma técnica de investigação que objetiva o conhecimento de opiniões, expectativas, situações vivenciadas etc. Por essa razão, o estudo de caso, adotou a aplicação de questionários.

Para responder aos questionários, foram solicitados alunos voluntários, considerando que a disposição em participar da pesquisa decorreria em resultados mais significativos.

Após a coleta, os questionários foram lidos e as respostas às perguntas fechadas contabilizadas. Os dados foram avaliados e interpretados a partir do programa Microsoft Excel 2010, mostrando o resultado da pesquisa em forma de gráficos. Em seguida, aquelas abertas também foram lidas, e as respostas analisadas, com o intuito de saber se respondiam aos questionamentos iniciais da pesquisa.

A maioria dos questionários encontrou-se dentro do esperado. Nenhum questionário foi excluído.

As informações colhidas e analisadas, resultantes dos questionários, serão passadas aos professores e à coordenação da instituição visitada. Com esses registros, a escola poderá conhecer e observar o ponto de vista e a opinião dos alunos em relação ao ensino-aprendizagem nas aulas de História. Assim, possíveis ajustes poderão ser planejados a partir desse retorno.

Garante-se o sigilo dos nomes dos participantes do estudo e de qualquer profissional ou pessoa envolvida, conforme preconiza a portaria da Comissão Nacional de Ética nº 466/12.

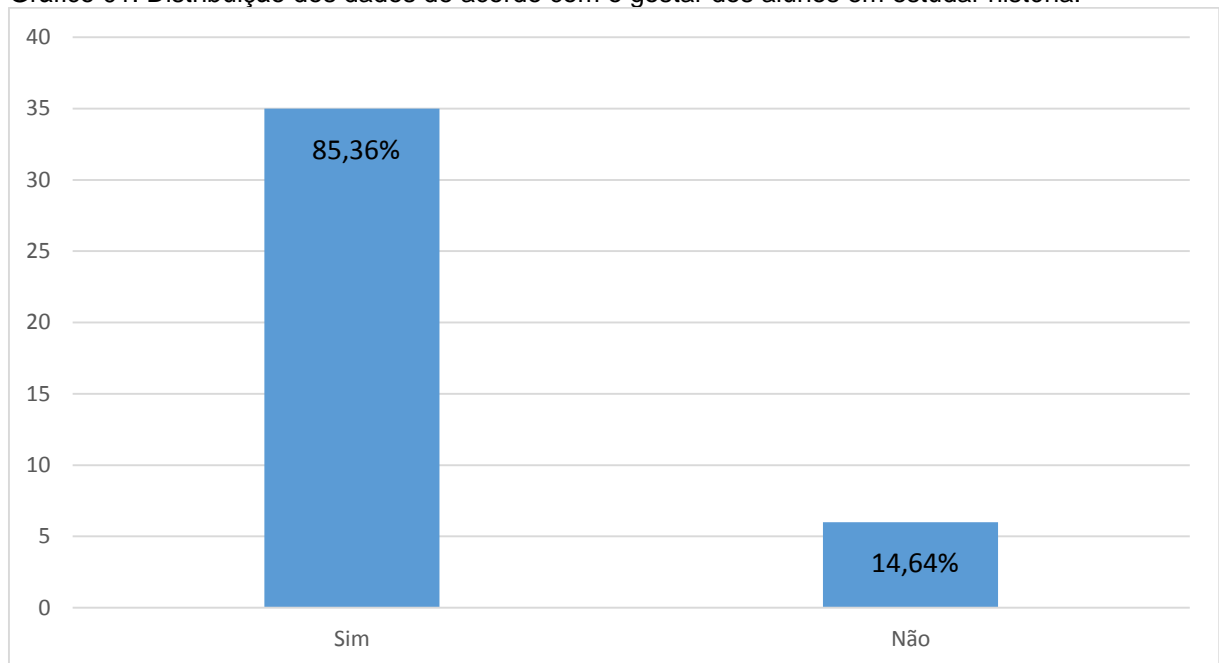
Concluído o item que trata da descrição do contexto da pesquisa, dos instrumentos e procedimentos utilizados na coleta de dados, passemos, na sequência, para a etapa em que os dados são apresentados, analisados e discutidos.

## 6 O ENSINO APRENDIZAGEM DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA NO AMBITO DA ESCOLA

Para entender a realidade do ensino aprendizagem da disciplina de história no 6º ao 9º ano do ensino fundamental, realizamos uma coleta de dados no Centro de Ensino Professor Ignácio Rangel, escolhido por ser um território abrangente.

### 6.1 Resultados da Entrevista com os alunos

Gráfico 01. Distribuição dos dados de acordo com o gostar dos alunos em estudar história.



Fonte: autor, 2016.

O gráfico 01 refere o gosto dos alunos em estudar História, nele pode-se perceber que houve uma prevalência maior dos alunos que gostam, totalizando 85,36% enquanto o público que não gosta totalizou 14,64%.

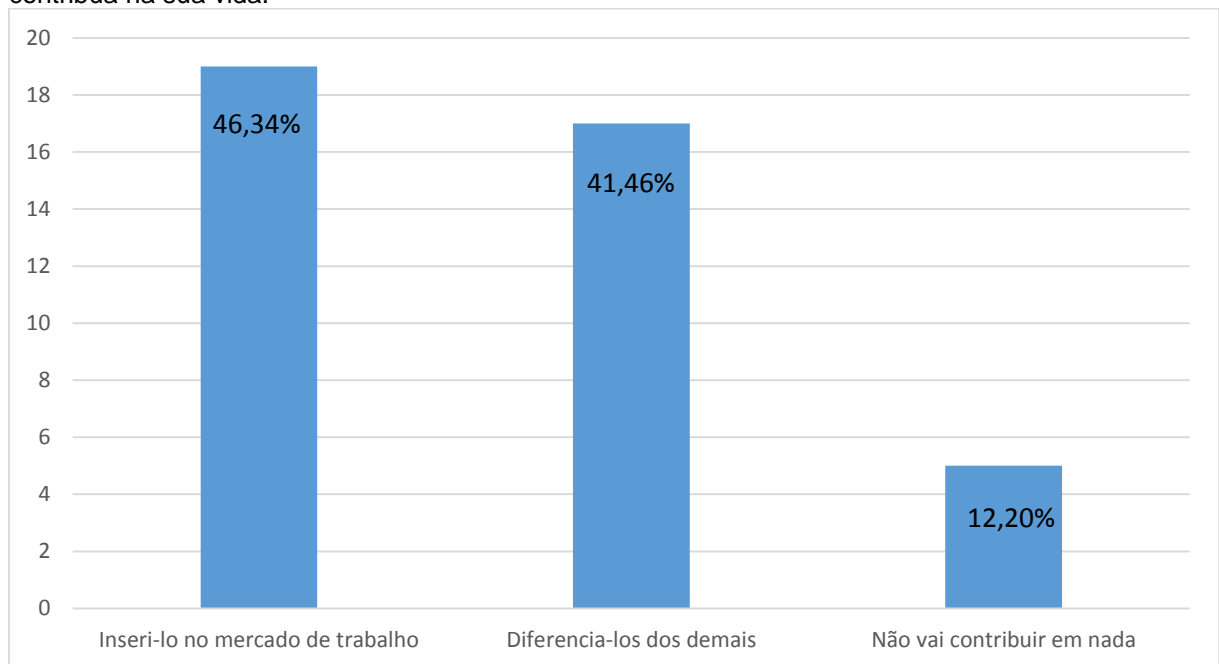
Alguns autores falam que o gosto dos alunos em estudar História são agentes motivadores e/ou desmotivadores. Entre eles está Guimarães (2003), quando diz que o aluno pode apresentar entusiasmo e orgulho acerca de seus



resultados. Não é errado se pensar no contrário, quando se está em uma situação de insucesso o aluno pode se sentir envergonhado ou desestimulado.

É possível referir que dados metodológicos utilizados pelos professores não variam muito, esse não gostar possa estar relacionado a isso também. Há ainda o fato da disciplina exigir interpretação e alguns estudantes apresentam dificuldades para ler e interpretar o que foi lido.

Gráfico 02. Distribuição dos dados de acordo com o que você espera que o ensino de história contribua na sua vida.



Fonte: autor, 2016.

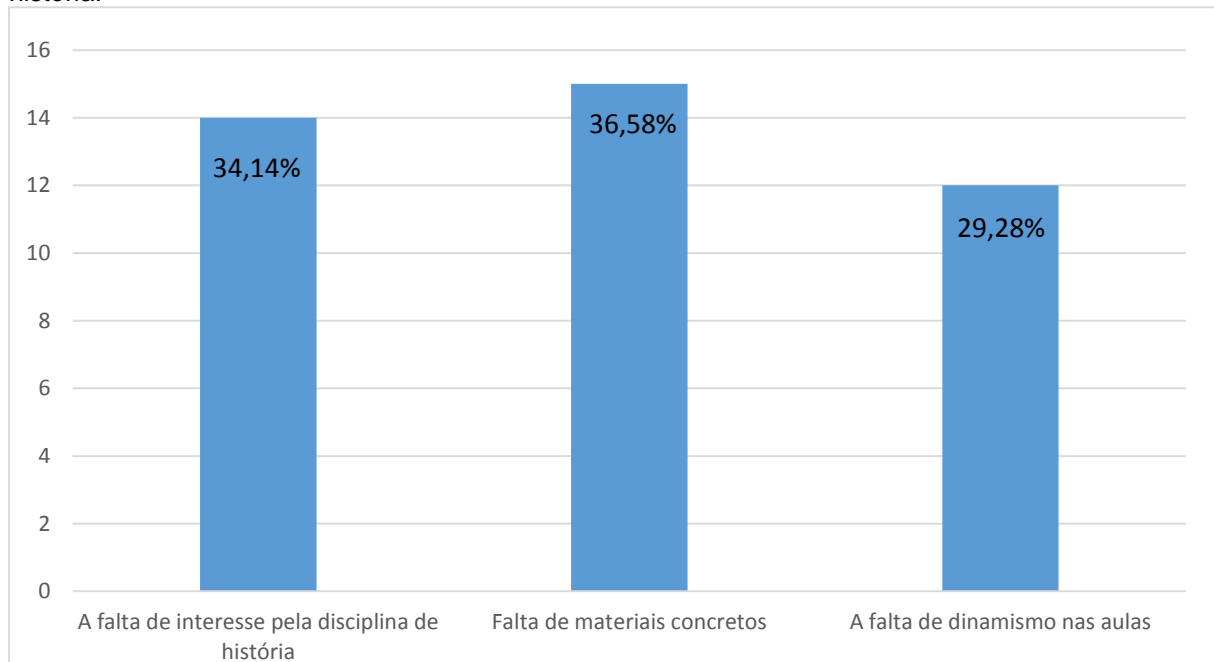
O gráfico 02 é referente com que os alunos esperam que o ensino de História contribua na sua vida, 46,34% acreditam que o ensino de História contribuirá para inseri-lo no mercado de trabalho, 41,46% acreditam que o ensino de História irá diferencia-los dos demais e 12,20% acreditam que o ensino de História não vai contribuir em nada.

O ensino de História se faz imprescindível a medida que é através desta disciplina que o aluno adquire capacidades e potencialidades que lhe permitirão assumir uma postura mais autônoma e crítica frente as realidades sociais que lhe permeiam, não que as demais disciplinas do currículo escolar não exerçam também

papel importantíssimo, ocorre que é por meio do ensino de História que o aluno conhece os percursos e mecanismos que construíram as relações sociais e o mundo tal qual o conhecemos hoje, ou seja, a disciplina de História sozinha não forma cidadãos críticos porém ela é determinante na construção da leitura e no mundo deste aluno (BERUTTI; MARQUES, 2009).

Conforme Rodrigues (2012), a importância de se estudar História é desvendar o passado, entender o presente e almejar um futuro sem os problemas que outrora ocorreram (ou ao menos minimizados) e que desgastaram uma vida ou uma sociedade inteira.

Gráfico 03. Distribuição dos dados de acordo com o que dificulta o aprendizado da disciplina de história.



Fonte: autor, 2016.

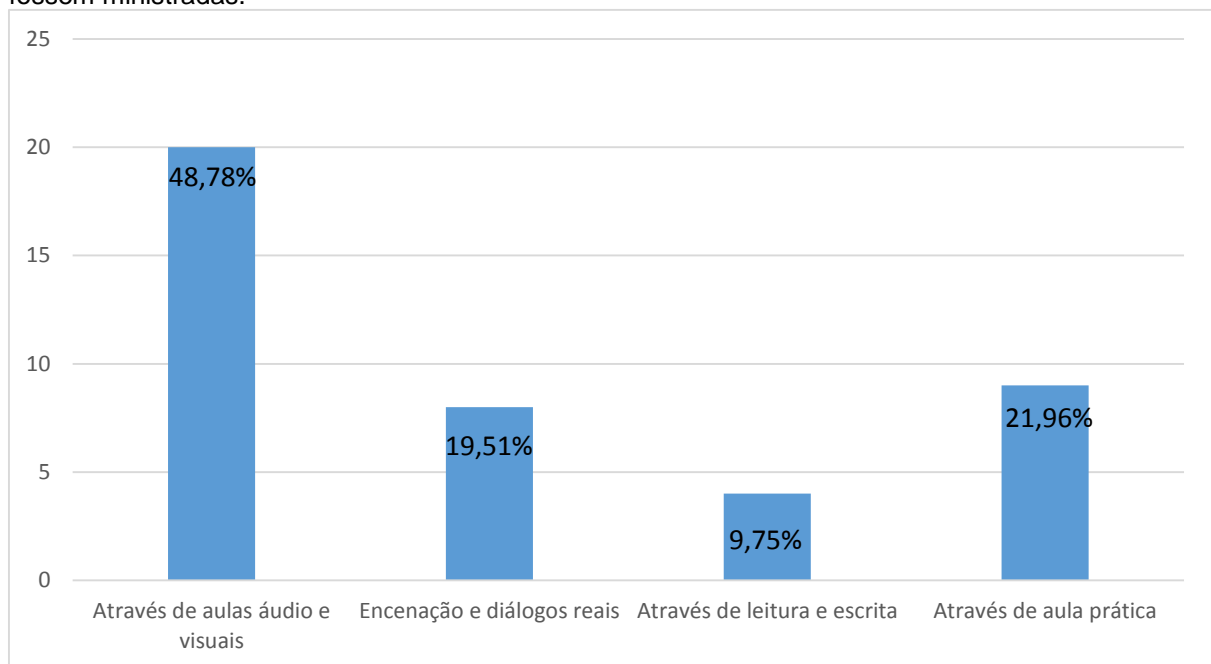
O gráfico 03 refere-se a dificuldade dos alunos em aprender a disciplina de História, onde 34,14% afirmam que a o que dificulta o aprendizado é a falta de interesse pela disciplina de História, 36,58% afirmam que o que dificulta é a falta de materiais concretos e 29,28% afirmam que é a falta de dinamismo nas aulas.

Cabe ao professor promover situações para que o aluno critique e compreenda o estudo da disciplina como fator necessário para sua formação enquanto indivíduo.

Segundo Cruz (2005), é necessário dinamizar conceitos como, o fato histórico: uma reflexão sobre a atividade cotidiana; o tempo histórico: suporte para uma avaliação sobre o tempo e finalmente, uma observação e avaliação sobre as ações cotidianas que identificam o sujeito histórico, partindo da premissa do cotidiano da criança.

Pinsky (2009, p.40), alega que cabe ao professor de História auxiliar seus estudantes no processo de conscientização e construção do saber histórico, pois “Considerando que o aluno deve ser incentivado a desenvolver uma espécie de sentido histórico, para atuar no mundo em que vive, cabe ao professor de História disponibilizar elementos que possam auxiliar esse processo de conscientização.

Gráfico 04. Distribuição dos dados de acordo com a maneira que os alunos gostariam que as aulas fossem ministradas.



Fonte: autor, 2016.

O gráfico 04 refere a maneira que os alunos gostariam que as aulas fossem ministradas, 48,78% alunos responderam que as aulas deveriam acontecer com a utilização de áudios e visuais, 19,51% responderam que deveriam ser através

de encenação e diálogos reais, 9,75% afirmam que deveria ser através de leitura e escrita e 21,96% gostariam da aula prática.

Novamente percebe-se que eles conseguem identificar outros recursos, outras estratégias para ensino, menos de 10% aprovam a forma mais comum, eles acreditam que irão aprender mais com uma atividade extraclasse.

Os alunos, reivindicam um ensino mais significativo, articulado com sua experiência cotidiana, um professor “legal”, “amigo”, menos autoritário, que lhes exija menos esforço de memorização e que faça da aula um momento agradável.

Para Piaget (1998), a mais importante tarefa do professor é a proposição de atividades desafiadoras que provoquem desequilíbrios e reequilibrações sucessivas nos processos de cognição infantil.

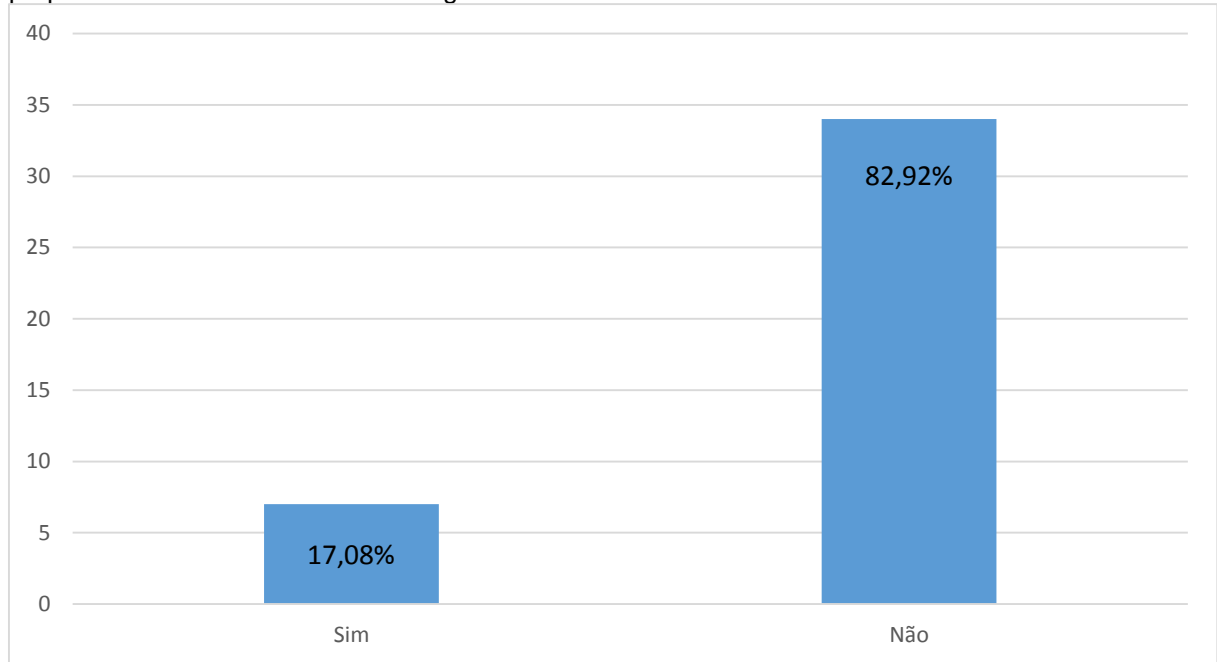
Constitui-se hoje, para os educadores do ensino fundamental e médio, um desafio ensinar alunos que tem contato cada vez maior com os meios de comunicação e sofrem a influência da televisão, rádio, jornal, videogames, computadores, redes de informação e etc. (FERREIRA, 1999).

O autor afirma que o ensino ativo permite que o aluno desenvolva a sua capacidade de ser crítico, de se expressar, de questionar, de criar e de ter uma autodisciplina nas tarefas escolares, contribuindo para que da atividade individual parta para a construção coletiva.

Os recursos de multimídia, fotografia, vídeo, imagens, sons, filmes, quando usadas corretamente se tornam ferramentas de apoio para a apresentação, construção e transmissão do conhecimento histórico.

O desenvolvimento tecnológico permite que máquinas e programas sejam instrumentos poderosíssimos, criativos e não meros instrumentos mecânicos e repetitivos. Um dos poderes do desenvolvimento tecnológico para o campo da História é a digitalização das diversas fontes históricas que além de alargar a conservação dos documentos históricos possibilita que o docente os utilize para análise e discussão sobre o passado e o presente (GIANOLLA, 2006).

Gráfico 05. Distribuição dos dados de acordo com a escola em que você estuda/estudou já lhe proporcionou alguma aula extraclasse.



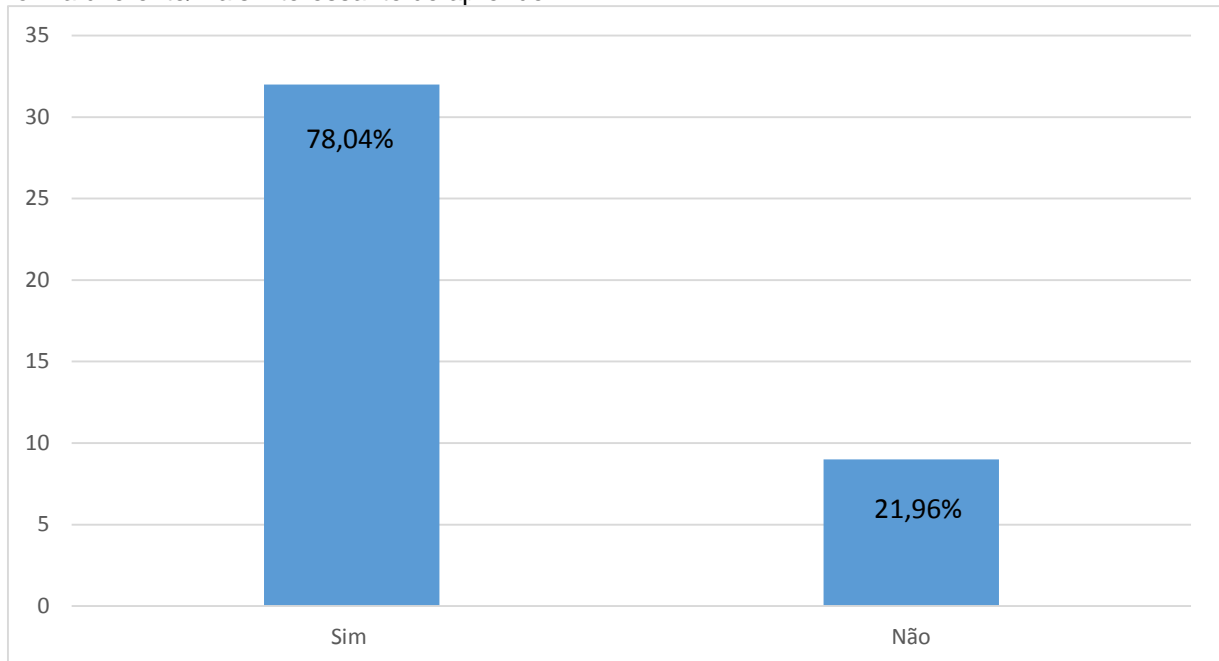
Fonte: autor, 2016.

No gráfico 05 estão os dados relacionado quanto a escola que você estuda/estudou já lhe proporcionou alguma aula extraclasse, 17,08% responderam que sim e 82,92% responderam que não.

As atividades extraclasse tem como objetivo principal complementar o trabalho realizado em sala de aula, oferecendo ao aluno a possibilidade de vivenciar, na prática, conceitos que são apresentados em classe.

Paro (2000), afirma que essas atividades são de variadas abordagens, elas apoiam e complementam o processo de ensino e aprendizagem, desenvolvido em sala de aula, ampliando, para o aluno, as possibilidades de aprofundamento, reflexão e investigação de temas, previamente selecionados.

Gráfico 06. Distribuição dos dados de acordo com você considera a saída da sala de aula como uma forma diferente/mais interessante de aprender.



Fonte: autor, 2016.

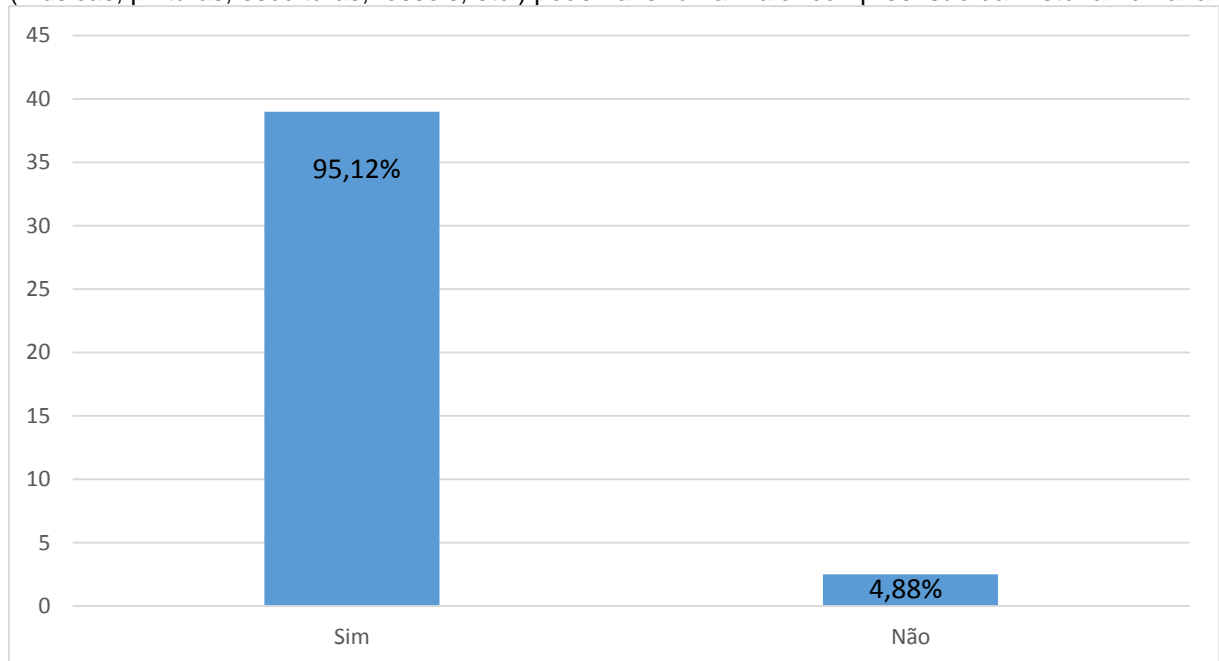
O gráfico 06 refere-se a saída da sala de aula como uma forma diferente e mais interessante de aprender, 78,04% responderam que sim, enquanto 21,96% responderam que não.

Comparando esse gráfico com o interesse pela aula extraclasse pode revelar a curiosidade, o desejo de conhecer algo diferente.

É essencial que o professor conheça os fundamentos da aprendizagem e as principais teorias sobre motivação, pois só sabe motivar para aprendizagem quem conhece como os alunos aprendem (PARO, 2000).

Fita e Tapia (2006), afirmam que o aluno motivado opta por atividades que possibilitam o aprimoramento de suas habilidades e de seus conhecimentos, busca novas informações, tenta organizar o novo conhecimento de acordo com os seus conhecimentos prévios e procura aplicá-lo a outros contextos

Gráfico 07. Distribuição dos dados de acordo com, você acredita que ao ter contato com materiais (músicas, pinturas, esculturas, fósseis, etc.) pode haver uma maior compreensão da História humana.



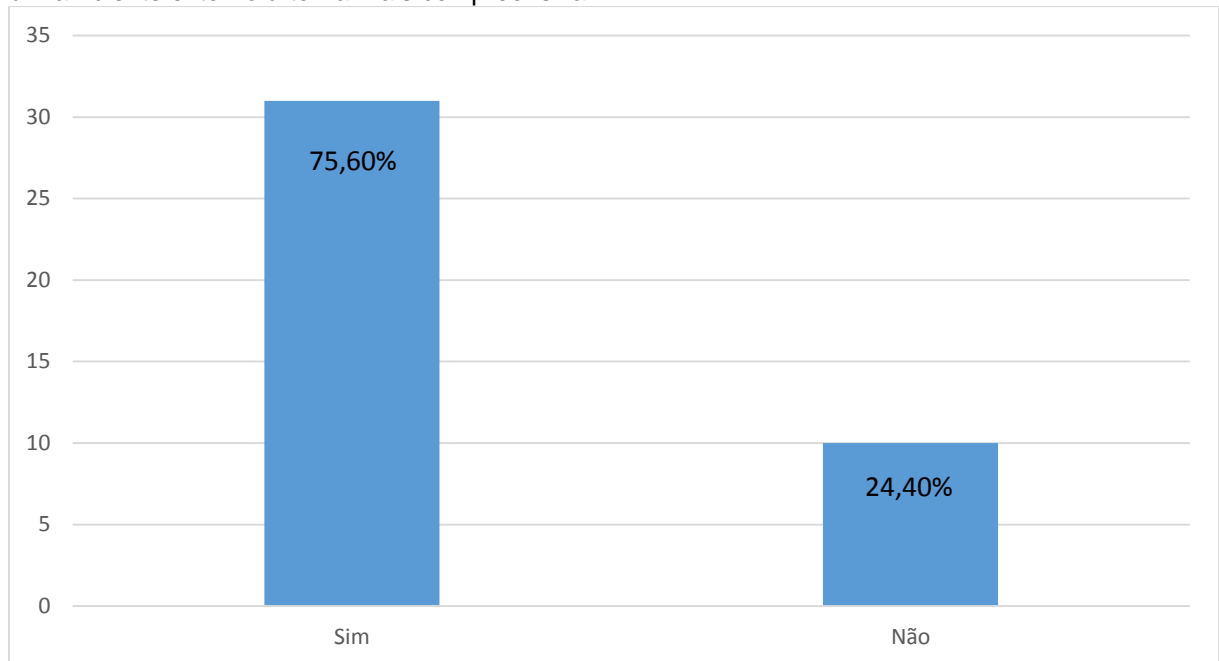
Fonte: autor, 2016.

O gráfico 07 é referente ao contato de materiais (música, pintura, escultura, fósseis etc.) pode haver maior compreensão da História humana, 95,12% responderam que sim enquanto 4,88% responderam que não.

Esse gráfico revela o quanto esses estudantes podem estar abertos ao conhecimento que as feiras, museus, centros históricos, oferecem através de visitas e também por meio de sites da rede de computadores.

Um dos principais objetivos da História é analisar e pensar nos aspectos culturais de um determinado povo ou região para o entendimento do processo de desenvolvimento. Entender o passado também é importante para a compreensão do presente.

Gráfico 08. Distribuição dos dados de acordo com você acha que estudar a disciplina de História em um ambiente externo à torna mais compreensiva.



Fonte: autor, 2016.

O gráfico 08 é referente a opinião dos alunos quanto o estudar a disciplina de História em um ambiente externo à torna mais compreensiva, 75,60% responderam que sim, enquanto 24,40% responderam que não.

Esse gráfico revela o quanto a expectativa é importante na perspectiva do estudante.

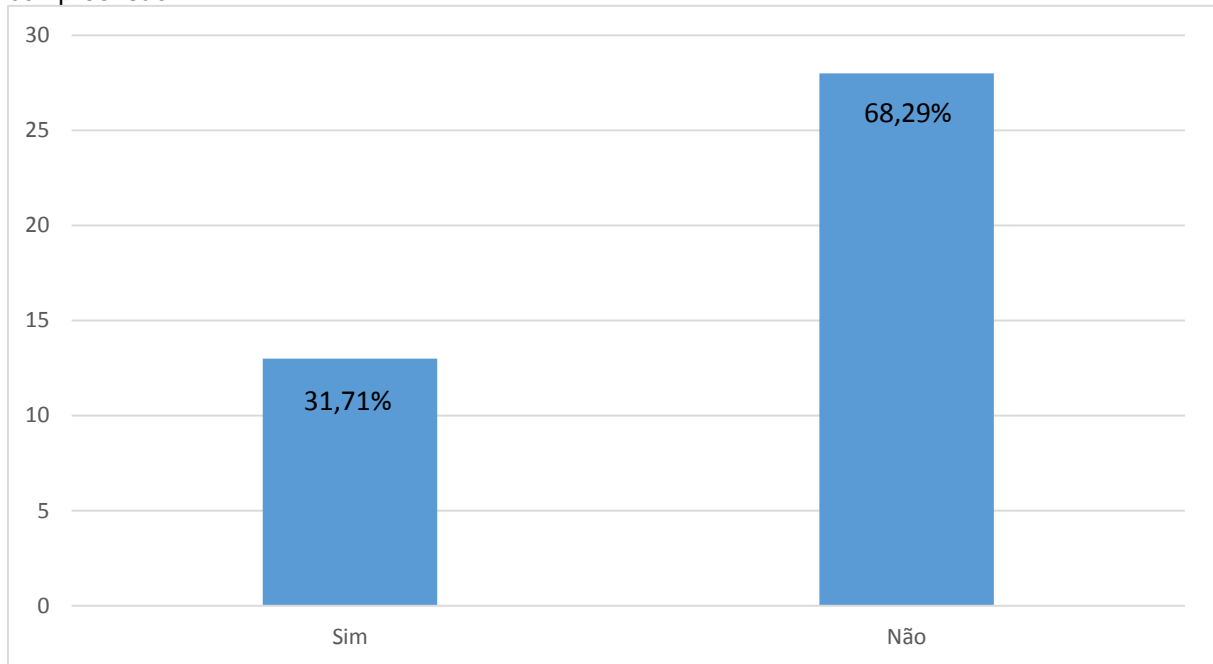
Segundo Siqueira e Wechsler (2006), atividades escolares estão, de forma geral, relacionadas a processos cognitivos. Exemplos disso podem ser: concentração, capacidade de atenção e raciocínio, entre outros.

Para Bizzo (2007), esse ambiente externo desperta um certo interesse pelo aluno, na maioria dos casos. Muitas vezes, sabendo disso, o professor pode motivar o aluno com essas aulas e mostrar a disciplina de uma forma mais dinâmica, saindo um pouco do abstrato. Na sala de aula, os efeitos da motivação são inúmeros.

Segundo Bzuneck (2009), um aluno motivado consiste no envolvimento ativo nas tarefas pertinentes ao processo de aprendizagem. Tal envolvimento culmina na aplicação de esforço em um processo de aprender e com a persistência exigida por cada tarefa.



Gráfico 09. Distribuição dos dados de acordo com você considera a disciplina História de difícil compreensão.



Fonte: autor, 2016.

O gráfico 09 é referente consideração dos alunos quanto a disciplina de História é de difícil compreensão, 31,71% afirmaram que sim, enquanto a grande parte, 68,29% responderam que não.

As respostas mostram uma aceitação da disciplina e creio que eles também refletem, exceto nas atividades que são desenvolvidas na disciplina.

O estudo de História deve ter o professor como meio de ligação entre o conhecimento e o aluno, derrubando o paradigma de que História é uma ciência decorativa. Diante dessa teoria, confirma-se que o fato dos alunos dessa pesquisa terem afirmado que a disciplina de História não é de difícil compreensão.

Esse resultado também é satisfatório, uma vez que, o professor consegue transmitir o conhecimento através de diversas metodologias.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente o ensino de História necessita de novas metodologias, visto que sua demarcação científica se faz pela prática pedagógica desenvolvida pelo professor ao longo de sua caminhada educacional. Esta tem se mostrado de maneira cartesiana, mas, lutando para romper com este paradigma e se fortalecer pelo holístico-sistêmico, que visa o processo ensino-aprendizagem enquanto construção do conhecimento e não somente o ensino de maneira fragmentada e acrítica.

Na sociedade atual, percebemos a necessidade de um profissional atualizado e motivado para realizar uma nova prática educativa no ensino de História, que esteja apto a compreendê-la no seu fazer cotidiano, em que os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas.

A convivência em sala de aula atualmente vivenciada por professores e alunos relacionados pelo ensino de História, tem a necessidade de ser um assunto bastante discutido entre os educadores e as famílias, especialmente por precisar compreender a importância do trabalho coletivo no processo de construção do conhecimento.

Devemos considerar que a ação docente não é um ato individual, mesmo que aparentemente o professor se restrinja ao contexto de sala de aula, com os alunos. Sua ação é também coletiva, e nela reside seu maior poder.

É extremamente importante que o ensino de história venha contribuir para o aperfeiçoamento do relacionamento em nossa sociedade, pois essa provocação é sem dúvida, um dos grandes desafios da humanidade hoje, para que possamos progredir rumo a um desenvolvimento social, baseado na justiça e respeito mútuo, superando as dificuldades a fim de nos entendermos com os outros.

Como visto o papel do professor de História vai muito além de um simples transmitir conhecimentos prontos e acabados, o que revigora a discussão sobre a

questão de ensinar história ou construir história, como sendo uma necessidade de releitura da consciência dos professores no tocante as suas teorias e metodologias.

O professor de História frente a várias definições do seu campo de trabalho, precisa estar se reestruturando, buscando novos caminhos que visem melhorias para seu trabalho. Eis o desafio acompanhado de obstáculos ao longo da trajetória do profissional de História. Diante dos desafios, pretende-se dar continuidade à pesquisa e assim contribuir no processo ensino-aprendizagem para o ensino de História.

A pesquisa que fizemos junto aos alunos da escola revela um bom índice de aceitação da disciplina, História, mas também, uma consciência de que o aprendizado pode acontecer em outros espaços fora da sala de aula.

Assim, entendemos que a escola, precisa de projetos que promovam atividades extraclasse com alunos do ensino básico.

## REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia Geral e Brasil**. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- ARAÚJO, Cidália et al. Estudo de Caso. **Métodos de Investigação em Educação. Instituto de Educação e Psicologia**, Universidade do Minho, 2008.
- BENEDICTIS, Ricardo de. **Heródoto, o pai da História**. 2005.
- BERUTTI, Flávio; MARQUES, Adhemar. **Ensinar e aprender História**. Belo Horizonte. Editora RHJ, 2009.
- BEZERRA, Esvertilana Bonfim; LOPES, Maria Aparecida Toledo de Melo. **A Importância do professor na sociedade atual: desafios e perspectivas**. Imperatriz, 2002.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.
- BIZZO, N; **Ensinar ciências na escola** In: BIZZO, N Ciências: fácil ou difícil? 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, p. 29 – 33, 2007.
- BORGES, Vavy Pacheco. **O que é História**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História / Secretaria de Educação Fundamental** – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BZUNECK, J.A.; BORUCHOVITCH, E. **A Motivação do aluno**. Contribuições da Psicologia Contemporânea. 4º ed. Rio de Janeiro. Editora Vozes. 2009.
- CANDAU, Vera Maria. **Reinventar a escola**. Petrópolis: Vozes, 259 p. 2000.
- CARMO, Josué Geraldo Botura do. **As novas Tecnologias da informação e a comunicação no ensino de História**. Janeiro de 2002.
- CRUZ, Giseli Barreto da. Aproximando universidade e escola de educação básica pela pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, p. 81-109, maio/ago. 2005.

CUEVAS, J. P. **Dificuldades para la enseñanza de la historia en la educación secundaria.** In: \_\_\_\_\_. Enseñar História: notas para uma didáctica renovadora. Mérida: Junta de Extremadura, p. 35-51, 2001.

DEMO, Pedro. **TICs e educação,** 2008.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **INTERDISCIPLINARIDADE: história, teoria e pesquisa.** 4 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1999.

FERNÁNDEZ, F. S. **El aprendizaje fuera de la escuela – Tradición del pasado y desafío para el futuro.** Madri: Ediciones Académicas. 2006.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória: a problemática da pesquisa.** Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. Ensino de História e a Incorporação das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação: uma reflexão. **Revista da História Regional.** v.4, n.2 1999.

FITA, E. C.; TAPIA, J. A. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz.** 7. ed. São Paulo: Loyola. 2006.

FONSECA, Thais Nivia de Lima. **História & Ensino de História.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

FONSECA, S. G. **Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados.** 7 ed. São Paulo: Papirus, 2005.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados.** 5 ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 11.ed Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1999.

GADOTTI, Moacir. **História das Idéias pedagógicas.** 7ªed. São Paulo: Ática, 1999.

GIANOLLA, Raquel Miranda. **Informática na Educação: Representações sociais do cotidiano.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Metodologia do ensino superior.** São Paulo, SP: Atlas, 1990.

- GUIMARÃES, S. E. R. **Avaliação do Estilo Motivacional do Professor: Adaptação e Validação de um Instrumento**. Dissertação de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP. 2003.
- HORN, Geraldo Balduino; GERMINARI, Geyso Dongley. **O Ensino de História e seu currículo: Teoria e Método**. Petropolis: RJ: Vozes, 2006.
- KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo. Contexto, 2003.
- KNASS, Paulo. **Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa**. In. NIKITIUK, Sônia M. Leite (org). Repensando o ensino de História. – ed. – São Paulo, Cortez, 2001.
- LIBÂNIO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- MAIA, Marta de Campos; MENDONÇA, Ana Lúcia; GÓES, Paulo. **Metodologia de Ensino e Avaliação de Aprendizagem**. 2005.
- MARUTTI, Mauri Daniel. **A Importância da história no contexto da sociedade contemporânea**. 2008.
- MAYRING, P. H. **Introdução à pesquisa social qualitativa** (5ª ed.). Weinheim: Beltz. 2002.
- MORAN, José Manuel. **Desafios da televisão e do vídeo à escola**. 2000.
- MORAN, José Manuel et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.
- NIKITIUK, Sônia M. Leite. **Repensando o ensino de História**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- OLIVEIRA, Marta de Oliveira. VYGOTSKY: **Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico**. 4 ed. 15, Impressão. São Paulo: Scipione, 2006.
- PARO, Vitor Henrique. **Qualidade de ensino: a contribuição dos pais**. São Paulo: Xamã, 2000.
- PIAGET, J. **Sobre a pedagogia: textos inéditos**. São Paulo, Casa do Psicólogo, p. 144, 1998.
- PIMENTA, S. M. LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**, São Paulo, Cortez, 2004.

- PINSKY, R. C. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- ROCHA, V. M. L. C. **História e Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental: planejamento e identidades em questão.** In: I JORNADA DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO E PLANEJAMENTO DE ENSINO, 2007, Pau dos Ferros. Anais...Pau dos Ferros: UERN, 2007.
- RODRIGUES, André. **A importância de estudar história.** 6th April, 2012.
- SANCHO, J. M. (org.). **Para uma tecnologia educacional.** 2.ed. Porto Alegre: Artemed, 2001.
- SANT'ANA, I. M. **Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e Instrumentos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- SIQUEIRA, Luciana Gurgel Guida; WECHSLER, Solange M. **Motivação para a aprendizagem escolar: Possibilidade de Medida.** Avaliação psicológica. v.5. p. 21 – 31. 2006.
- TAJRA, Sanmya Feitosa. **Informática na educação: professor na atualidade.** São Paulo: Érica, 1998.
- TEIXEIRA, Gilberto. **A aula expositiva** - tradução adaptada do artigo The Lecture and Discussion Method for Management Education: Pros and Cons dos professores GRIFFIN, Ricky; CASHIN, William. 2005.

## APÊNDICES



## APÊNDICE A- TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: “**AULA PRÁTICA COMO MEIO TRANSFORMADOR DO ENSINO-APRENDIZAGEM NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA**”.

O objetivo desse estudo é conhecer a importância de uma aula prática de história.

**O (os) procedimento (s) de coleta de material dados, serão da seguinte forma:** Será aplicado um questionário com perguntas abertas e fechadas).

**GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO:** Você será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

O (s) pesquisador (es) irá (ao) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa será, enviado para você e permanecerão confidenciais. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

**CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS:** A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional a pesquisa a ser realizada não oferece risco algum.

Declaro que concordo em participar desse estudo.

---

Assinatura do Participante

---

Assinatura do Pesquisador

---

Assinatura do Responsável

**APÊNDICE B- QUESTIONARIO**

- 1 Você gosta de estudar história?  
( ) Sim ( ) Não
- 2 O que você espera que o ensino da disciplina de história contribua na sua vida?  
( ) inseri-lo no mercado de trabalho  
( ) diferencia-los dos demais  
( ) não vai contribuir em nada
- 3 Em sua opinião o que dificulta o aprendizado da disciplina de história?  
( ) a falta de interesse pela disciplina  
( ) falta de materiais concretos  
( ) a falta de dinamismo nas aulas
- 4 De que maneira você gostaria que as aulas de história fossem ministradas?  
( ) através de aulas áudio e visuais  
( ) encenação e diálogos reais  
( ) através de leitura e escrita  
( ) através de aula prática
- 5 A escola em que você estuda/estudou já lhe proporcionou alguma aula extra-classe?  
( ) Sim ( ) Não
- 6 Você considera a saída da sala de aula como uma forma diferente/mais interessante de aprender?  
( ) Sim ( ) Não
- 7 Você acredita que ao ter contato com materiais (músicas, pinturas, esculturas, fósseis, etc.) pode haver uma maior compreensão da História humana?  
( ) Sim ( ) Não
- 8 Você acha que estudar a disciplina de História em um ambiente externo à torna mais compreensiva?  
( ) Sim ( ) Não
- 9 Você considera a disciplina História de difícil compreensão?  
( ) Sim ( ) Não